

## Secção 18

**Variedades lusófonas e contato linguístico em África: Continuidades e rupturas em contextos plurilingues desde os primeiros contatos até à situação atual pós-colonial**

Leitung | Coordenação: Miguel Gutiérrez Maté, Eva Gugenberger

SALA | RAUM: Haus 3 – SR225

## Mittwoch | quarta-feira – 15/09

14:00 – 18:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen   Inscrição para participantes presenciais
15:00 – 16:30	Treffen der Sektionsleiter:innen   Reunião dos Coordenadores de Secção
16:30 – 17:00	Kaffeepause   Intervalo para café
18:00 – 20:00	Eröffnungszeremonie   Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)
20:00	Umtrunk mit Häppchen   Beberete com canapés

## Donnerstag | quinta-feira – 16/09

09:00 – 09:45	Coordenadores da secção	presencial	<b>Apresentação e introdução à secção</b>
09:45 – 10:30	Jean-Pierre Chavagne <i>conferência inaugural</i>	presencial	<b>Que nos diz o kimbundu?</b>
10:30 – 11:15	Miguel Gutiérrez Maté	presencial	<b>A reestruturação do português em contato com kikongo. O caso dos falantes bilingues de Cabinda (Angola)</b>
11:15 – 11:45	Kaffeepause   Intervalo para café		
11:45 – 13:15	Plenarvortrag Literaturwissenschaft   Sessão Plenária de Literatura		
13:15 – 14:30	Mittagspause   Intervalo para almoço		
14:30 – 15:15	Ermelinda Lúcia Atanásio Mapasse	online	<b>O ensino do português, baseado no “como se deve dizer”, em Moçambique</b>
15:15 – 16:00	Isidro Chongola	online	<b>A influência das línguas maternas no hábito de leitura em Moçambique</b>
16:00 – 16:30	Kaffeepause   Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Gervásio Absolone Chambo	online	<b>Translinguagem no ensino bilingue em Moçambique: como as línguas bantu determinam a aprendizagem do português e ambas viabilizam a aprendizagem da ciência?</b>

17:15 – 18:00	José Mause	online	<b>Línguas Nacionais no Sistema Jurídico Moçambicano: A tradução/interpretação na relação com a (in)Justiça Social do cidadão</b>
19:00	Lesung   Sessão de Leitura		

**Freitag | sexta-feira – 17/09**

09:00 – 09:45	Susanne Jahn	presencial	<b>Namen und Sprachkontakt in Mosambik</b>
09:45 – 10:30	Jürgen Lang	presencial	<b>O cabo Verde – Cabo Verde. Der Name des Kaps und der Name des Landes</b>
10:30 – 11:15	Ronny Beckert	presencial	<b>Portugiesisch und Kabuverdianu im kapverdischen Bildungssystem</b>
11:15 – 13:15	Mittagspause   Intervalo para almoço		
13:15 – 14:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft   Sessão Plenária de Linguística		
14:15 – 14:30	Pause   Intervalo		
14:30 – 15:15	Max Doppelbauer	presencial	<b>Das Portugiesische in Äquatorialguinea</b>
15:15 – 16:00	Eva Gugenberger	presencial	<b>Die Dynamik im lusophonen Varietätengefüge aus der Perspektive des Sprachkontakts am Beispiel von Brasilien und Angola</b>
16:00 – 16:30	Kaffeepause   Intervalo para café		
19:15	Jantar para os participantes da secção 18 (Thüringer Hof, Burggasse 19)		

**Samstag | sábado – 18/09**

09:45 – 10:30	Laura Álvarez López	online	<b>Línguas e políticas linguísticas em Angola</b>
10:30 – 11:15	Tjerk Hagemeyer	online	<b>A expressão de Alvo em variedades africanas do português</b>
11:15 – 11:45	Kaffeepause   Intervalo para café		
11:45 – 12:30	Martha Guzmán	online	<b>Rir/rir-se, recordar/recorder-se, esquecer/esquecer-se: um estudo das construções quase reflexivas em variedades do português africano</b>
12.30 – 13:15	Nicolas Quint <i>conferência de encerramento</i>	presencial	<b>Os crioulos de base lexical portuguesa da África Ocidental: breve apresentação de umas línguas afro-românicas</b>
13:15 – 14:30	Mittagspause   Intervalo para almoço		
14:30 – 17:00	Mitgliederversammlung des DLV   Assembleia Geral dos membros da Associação Alemã de Lusitanistas		
19:00	Konferenzdinner   Jantar de Encerramento		

## Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 18

Laura ÁLVAREZ LÓPEZ (Stockholm)

### Línguas e políticas linguísticas em Angola

Partindo de estudos realizados sobretudo na última década, esta apresentação oferece um breve panorama das condições históricas e sociolinguísticas em que novas e diversas variedades de português surgiram e se desenvolveram em território angolano através de diversos processos de transmissão e aquisição do português. Tais variedades apresentam traços linguísticos divergentes da norma do português europeu, que pode ser considerado o padrão-alvo. Esses traços vêm sendo analisados principalmente por pesquisadores que estudam, por um lado, a transferência de estruturas sintáticas das línguas do grupo Bantu como consequência da situação de contato linguístico e, por outro, casos de redução na morfologia flexional, que muitas vezes se explicam por meio de universais que atuam durante o processo de aquisição de L2. Nesse sentido, observa-se a relevância dos estudos que comparam um contínuo de variedades de português (e espanhol) em contato com línguas africanas. Discute-se como o estatuto privilegiado atribuído à língua portuguesa contribui para aumentar a proporção de angolanos que falam variedades de português, inclusive como primeira língua. Destaca-se, contudo, que há estudos indicativos de que as atitudes dos jovens em relação às línguas do grupo Bantu são positivas. Finalmente, apontam-se aspectos relacionados com políticas linguísticas e educacionais que poderão mostrar-se relevantes para o desenvolvimento da atual situação de multilinguismo em Angola.

Ronny BECKERT (Universität Heidelberg)

### Portugiesisch und Kabuverdianu im kapverdischen Bildungssystem

Wie für viele afrikanische Länder ist auch für Cabo Verde festzustellen, dass die Sprache, die von der Mehrheit der lokalen Bevölkerung gesprochen wird, nicht die Sprache ist, in der die schulische Laufbahn absolviert wird. Wenngleich also Kabuverdianu die Erstsprache (L1) nahezu aller Kapverdier ist, ist Portugiesisch, die Amtssprache des Landes, die dominierende Sprache im kapverdischen Bildungssystem. Während die UNESCO weltweit das Recht auf Unterricht in der eigenen Erstsprache fordert, werden Projekte zur Integration von Kabuverdianu in das kapverdische Bildungssystem von den Sprecherinnen und Sprechern kontrovers diskutiert.

In diesem Vortrag wird auf Basis von Leserkommentaren zu online erschienenen Zeitungsartikeln sowie einer Umfrage mit 48 in Cabo Verde lebenden Teilnehmerinnen und Teilnehmern der Diskurs über die Einführung von Kabuverdianu in das kapverdische Bildungssystem analysiert. Zudem werden ebenso die Auswirkungen des Unterrichts in der Nicht-L1-Sprache auf die Teilnehmer sowie die Wahrnehmung des Verhältnisses zwischen den beiden Sprachen Portugiesisch und Kabuverdianu hinsichtlich Status und Prestige (Kremnitz 2002) analysiert. Ein weiterer Schwerpunkt ist die Frage nach der Verschriftlichung der portugiesisch-basierten Kreolsprache sowie die Frage nach der Kenntnis und der Akzeptanz des offiziellen Alphabets ALUPEC (Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano). In der *Lei de Bases do Sistema Educativo* wird als ein Bildungsziel kapverdischer Bildungspolitik formuliert: „Aprofundar o conhecimento e a afirmação da escrita da língua nacional cabo-verdiana, enquanto primeira língua de comunicação oral, visando sua utilização oficial a par da língua portuguesa“ (Decreto-legislativo nº 13/2018, Artigo 10.º). Es wird daher zu überprüfen sein, inwieweit dieses Ziel mit der Realität im Einklang steht und welche Entwicklungen es landesweit im Bereich zweisprachiger Bildung gibt, die 2013 mit der Einführung zweisprachiger Pilotklassen begonnen hatte. Auf der Grundlage vieler wissenschaftlicher Studien zeichnet es sich ab, dass eine monolingual ausgerichtete Sprach- und Bildungspolitik in den afrikanischen Ländern zum Scheitern verurteilt ist (Wolff 2016).

Literaturverzeichnis:

Baptista, Marlyse / Brito, Inês / Bangura, Saídu (2010). „Cape Verdean in education: A linguistic and human right“, in: Migge, Bettina / Léglise, Isabelle / Bartens, Angela (Hrsg.) (2010): *Creoles in Education: An appraisal of current programs and projects*, Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 273-296.

Bourdieu, Pierre / Passeron, Jean-Claude (1964). *Les héritiers: les étudiants et la culture*. Paris: Minuit.

- Duarte, Dulce Almada (1998). Bilinguismo ou diglossia?: As relações de força entre o crioulo e o português na sociedade cabo-verdiana, Praia: Spleen.
- Kremnitz, Georg (2002). „Zu Status, Prestige und kommunikativem Wert von Sprachen“, in: Quo vadis, Romania? 20, 122-128.
- Kremnitz, Georg (2017). „Sprachenpolitische Entscheidungen zwischen Prestige und kommunikativer Bedeutung: Hintergründe und mögliche Folgen“, in: Ambrosch-Baroua, Tina / Kropp, Amina / Müller-Lancé, Johannes (Hrsg.) (2017): Mehrsprachigkeit und Ökonomie, München: Universitätsbibliothek der Ludwig-Maximilians-Universität München, 17-27.
- República de Cabo Verde (2018). „Decreto-legislativo nº 13/2018“, in: Boletim Oficial 80, ([https://minedu.gov.cv/media/orientacao/2020/10/06/Decreto-legislativo\\_n%C2%BA\\_13\\_2018\\_LBSE.pdf](https://minedu.gov.cv/media/orientacao/2020/10/06/Decreto-legislativo_n%C2%BA_13_2018_LBSE.pdf)).
- Rosa, Ailene Cristina Brito Soares (2017). „Ensino bilíngue em Cabo Verde: desafios e práticas educativas“. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (<http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/602>).
- Silva, Josênia Vieira da (1995). „A estandardização da escrita do crioulo caboverdiano“, in: Papia 4 (1), 56-61.
- UNESCO (2017). „Journée de la langue maternelle: l’UNESCO plaide pour la diversité linguistique“. (<https://news.un.org/fr/story/2017/02/352662-journee-de-la-langue-maternelle-lunescoplaide-pour-la-diversite-linguistique>).
- Wolff, Eckard (2016). Language and development in Africa: perceptions, ideologies and challenges, Cambridge: University Press.

Gervásio Absolone CHAMBO (Universidade Eduardo Mondlane, Maputo)

### **Translinguagem no ensino bilingue em Moçambique: como as línguas bantú determinam a aprendizagem do português e ambas viabilizam a aprendizagem da ciência?**

O português, ainda que seja uma língua oficial em Moçambique desde 1975 e meio de instrução no Sistema Nacional de Educação desde 1983, não é a língua falada pela população escolar nas zonas suburbanas e rurais do país. Em vertente desta situação, vem sendo implementado o ensino bilingue do tipo transicional desde 2003 que possibilita a escolarização inicial dos alunos em línguas bantu (L1). Entretanto, as evidências de estudos (CHIMBUTANE, 2011; CHAMBO 2018, 2020) mostram que, quando ocorre a transição de meio de instrução a partir da 4ª classe, os alunos enfrentam dificuldades pedagógicas para aprender em L2 sem o uso liberalizado da L1 nas aulas de pós-transição. Este estudo debruça-se sobre como as práticas de translinguagem têm sido recursivas para garantir que os alunos aprendam o português e os conteúdos científicos a partir da participação linguística e pedagógica da L1 no processo de ensino-aprendizagem. A partir de análise de dados etnográficos de aulas observadas nas escolas de ensino bilingue e de entrevistas semi-estruturadas efectuadas aos professores deste tipo de ensino, este estudo conclui que o ensino bilingue é um espaço propício de translinguagem no qual as línguas se posicionam como repertórios linguísticos que se inter-alimentam e se inter-relacionam para garantir uma contínua aprendizagem da L2 a partir da L1 e assegurar a aprendizagem dos conteúdos científicos linguística e cognitivamente exigentes em L2.

Jean-Pierre CHAVAGNE (Lyon)

### ***Que nos diz o kimbundu?***

Por mais afastadas que sejam as línguas no continuum linguístico, elas são capazes, em contacto, de interagir de maneira complexa. A língua portuguesa e as pessoas que a têm falado tiveram de usar simultaneamente inúmeras línguas a partir de emergência do português como língua até hoje. As consequências linguísticas dos contactos de algumas dessas línguas foram estudadas pormenorizadamente como é o caso da língua árabe. Nesta palestra, debruçamos-nos sobre o kimbundu, a que já alguns pesquisadores dedicaram trabalhos, por ser a língua de mais longa companhia da língua portuguesa, que se encontrou modificada pelo contacto como o português e que interagiu sobre o português de maneira menos evidente, ou menos evidenciada.

Isidro CHONGOLA (Universidade Rovuma, Nampula)

### **A influência das línguas maternas no hábito de leitura em Moçambique**

De todas as actividades cognitivas complexas, a leitura, é sem dúvida, aquela que participa na maior parte das situações. Daí, considerarmos a leitura como uma acção imprescindível para a nossa vida quotidiana. De acordo com Gallisson e Coste (1993:427) leitura é acção de identificar letras e de as juntar para compreender a ligação entre o que é escrito e o que é dito. Para Amor (2006:83) as incontáveis definições do termo leitura põem, assim, em evidência três aspectos fundamentais que a caracterizam, enquanto processo: o carácter interactivo; a dimensão semiótica (de correlação de um conteúdo a uma dada expressão); o efeito de apropriação transformadora e de construção cultural da realidade. Tomando em consideração os pressupostos acima, considerarmos a leitura como uma acção imprescindível para a nossa vida quotidiana. Contudo, em Moçambique, e particularmente na cidade de Nampula, o hábito de leitura tem estado a baixar consideravelmente. Este mal tem-se observado por todos os níveis de ensino e até atinge o cidadão comum. Tendo em conta que a maioria dos moçambicanos tem como L1 uma das línguas nacionais e poucos o Português, o presente trabalho apresenta resultados de um estudo feito através de um questionário com perguntas abertas a pessoas residente nesta cidade com diferentes ocupações e de várias faixas etárias. O objectivo do mesmo é de procurar perceber até que ponto as línguas nacionais (como L1) podem influenciar no hábito em geral e especificamente na biblioteca. Após análise dos resultados, percebeu-se que somente 14% dos nossos inqueridos tem o Português como sua língua e 86% as línguas nacionais. No que concerne a motivações para ida à biblioteca salientamos que somente 5% dos entrevistados lê por prazer e 37% defende que vai para rever a matéria, isto para o caso de estudantes. Em relação a frequência semanal, só 3% dos inqueridos conseguem ir seis vezes por semana e os restantes afirmam que vão três vezes por semana. No que diz respeito ao tempo de permanência na biblioteca, notamos que o máximo de horas de estadia é de seis horas e o mínimo é uma hora. Quanto a possibilidade de possuir livros em casa verificamos que 14% dos nossos inqueridos têm no máximo 3 livros em casa e somente 1% é que possui 10 livros. Assim, de acordo com os dados da pesquisa constatou-se que há possibilidade das línguas nacionais influenciarem para o hábito de leitura visto que, a maior parte dos inquiridos como já fez e referência tem a sua L1 uma língua nacional. Isto por um lado, por lado há que destacar a proveniência dos entrevistados pois, nem todos nasceram nas capitais provinciais ondem existem espaços para a leitura desde criança. Não menos relevante, para terminar salienta que a oratória na cultura bantu para transmissão de conhecimento dos mais velhos para os mais novos tem mais primazia do que a escrita podendo isto influenciar a idade adulta.

Max DOPPELBAUER (CAU Kiel)

### **Das Portugiesische in Äquatorialguinea**

Seit 2010 ist das Portugiesische neben dem Spanischen und Französischen offizielle Sprache in Äquatorialguinea, wobei dieses Land als einzig *spanisch*sprachiges Land in Afrika gilt. Die portugiesische Kolonialgeschichte endet in diesem Gebiet bereits im 18. Jahrhundert und so verwundert es einigermaßen, dass diese romanische Sprache mit jenem hohen offiziellen Status ausgezeichnet wurde: eine kommunikative Notwendigkeit dafür bestand keineswegs.

Um uns einer schlüssigen Erklärung anzunähern, wollen wir nach einigen grundlegenden Informationen die Geschichte dieses Staates nachzeichnen, um zu einer Beschreibung der aktuellen sprachlichen Situation der Gesellschaft Äquatorialguineas zu gelangen, und um die Frage nach der Sinnhaftigkeit einer Offizialisierung des Portugiesischen zu stellen.

Interessant scheint hier die nähere Betrachtung der Kreolsprache *Fa d'Ambo*, da diese Portugiesisch basiert ist.

Eva GUGENBERGER (EUF Flensburg)

### **Die Dynamik im lusophonen Varietätengefüge aus der Perspektive des Sprachkontakts am Beispiel von Brasilien und Angola**

Durch die koloniale Expansion Portugals wurde die portugiesische Sprache in drei außereuropäische Kontinente getragen. Nach der Unabhängigkeit der Kolonien von Portugal, die Brasilien 1822, die kolonialisierten Gebiete in Afrika Mitte der 1970er Jahre erlangten, wurde Portugiesisch zur offiziellen Sprache in den neu gegründeten Staaten. Im Zuge der Verbreitung des Portugiesischen unter unterschiedlichen Bedingungen und Kontaktkonstellationen kam es zu einem Diversifizierungsprozess, in dem eine Reihe von lusophonen Varietäten und Sprachen entstand. Im Mittelpunkt des Beitrags steht

die Beteiligung der afrikanischen Sprachen in diesem Prozess. Während diese im Fall der Kreolsprachen in Afrika, die hier nicht behandelt werden, unumstritten ist, so wird das Ausmaß ihres Einflusses bei der Entstehung portugiesischer Varietäten, insbesondere im Fall Brasiliens, kontrovers diskutiert. Um dieser Frage nachzugehen, richtet sich das Hauptaugenmerk meines Beitrags einerseits auf Brasilien, wo – bedingt durch die massive Deportation von Sklav\*innen aus Afrika – afrikanische Sprachen jahrhundertlang präsent waren, andererseits auf Angola, das sich auch heute noch durch eine große sprachliche Vielfalt auszeichnet. Mein Ziel ist dabei, Parallelen sowohl in der Chronologie des Sprach- und Varietätenkontakts als auch in einzelnen sprachlichen Besonderheiten und deren Rückführbarkeit auf den Kontakt des Portugiesischen mit afrikanischen Sprachen herauszuarbeiten. Mit ausgewählten Beispielen aus der Morphosyntax und Lexik wird das Wandern kontaktinduzierter Merkmale im Varietätenraum verdeutlicht.

Martha GUZMÁN (LMU München)

***Rir/rir-se, recordar/recordar-se, esquecer/esquecer-se: um estudo das construções quase reflexivas em variedades do português africano.***

Como mostram esses exemplos, partículas de aparência reflexiva, mas cuja função vem sendo discutida, podem aparecer ao lado de certos verbos do português. A ocorrência da partícula encontra-se justificada, por vezes, pelo uso de uma preposição; outras vezes, porém, as razões para a sua utilização não são claras. Também não se sabe ao certo se as construções com e sem partícula são variantes livres ou não.

Parece bastante claro que esses usos não ocorrem da mesma forma em diferentes áreas do domínio linguístico do português. Para os conhecer melhor, realizamos um estudo de campo em dois países africanos, Angola e São Tomé. A coleta de dados, realizada em ambos os casos nas capitais e na periferia, foi realizada por meio de inquéritos e entrevistas, ou seja, a partir da perspectiva do locutor. A escolha dessa perspectiva se explica não só por ser a forma mais indicada de oferecer dados atuais de uso em áreas não favorecidas pela descrição gramatical, mas também porque permite tentar sondar o nível de consciência do falante na seleção de variantes.

Este trabalho faz parte de um projeto maior de estudo desse fenômeno em outras variedades do português e em outras línguas românicas. Os objetivos são: descrever a variação diatópica do fenômeno, explorar as relações entre o uso possível da partícula e a semântica dos verbos envolvidos, refletir sobre os limites de variação do fenômeno e suas causas.

Bibliografia básica

Alves de Souza, Jurgem (2011): *As estruturas reflexivas no português afro-brasileiro*, Tesis de maestría. Bahia: Universidade Federal da Bahia.

García-Miguel, José María (2001): "Algunas motivaciones en la tipología de las variaciones de diátesis: Sistemas actanciales y polisemia de los morfemas de voz." In: A. Silva (ed.): *Linguagem e Cognição: A perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa, 375–400. <http://weba575.webs.uvigo.es/jmjm/public/silva01.pdf>

Guzmán, Martha (Trabajo de habilitación): *Pseudorreflexividad en lenguas románicas*.

Martins, Ana Maria (2003): "Construções com se: mudança e variação no português europeu." In: I. Castro / I. Duarte (eds.), *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*, vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 163–178.

Osthus, Dietmar (2007): "Ethische Dative und Pseudo-Reflexiva im Portugiesischen. Eine kontrastive Betrachtung zum Spanischen und Französischen." In: Endruschat, Annette/Kemmler, Rolf/Schäfer-Prieß, Barbara (edd.), *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch*, Tübingen: Calepinos, 139-154.

Oesterreicher, Wulf (1993): "SE im Spanischen. Pseudoreflexivität, Diathese und Prototypikalität von semantischen Rollen." *Romanistisches Jahrbuch* 43: 237-260.

De Oliveira, Marilza (2005): "Nós se cliticizou-se?" <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maril014.pdf>

Rodríguez, Alfredo Maceira (s.a.): O Dativo Ético no português e no gallego, Rio de Janeiro [<http://www.filologia.org.br/alfredo/odativo.htm>]

Tjerk HAGEMEIJER (Lisboa)

### **A expressão de Alvo em variedades africanas do português**

Diversos trabalhos sobre variedades pós-coloniais de português em África referem ou descrevem um uso mais generalizado da preposição locativa *em* na seleção do argumento Alvo de verbos de movimento, onde o português europeu, a norma seguida em África, recorre às preposições *a* ou *para*, (*ir no hospital* vs. *ir para o/a hospital*). Esta diferença tem sido frequentemente relacionada com o papel do contacto de línguas (Chavagne 2005; Miguel 2003; Mingas 2000; Gonçalves & Chimbutane 2005; Gonçalves 2010).

Com base em corpora orais de três variedades urbanas contemporâneas (Luanda, Maputo, São Tomé), locais onde existe uma acentuada tendência de nativização do português, propomo-nos descrever e discutir o comportamento dos verbos de movimento *ir* e *chegar*, com o intuito de avaliar as seguintes hipóteses:

- i) o papel do contacto com línguas bantas e crioulo, como por exemplo a hipótese de reanálise de *em* como um marcador de caso locativo interno ao sintagma nominal ([*em-NP*]) (cf. Gonçalves & Chimbutane 2004; Avelar & Álvarez 2018);
- ii) o papel de propriedades gerais da gramática, nomeadamente a reanálise semântica despoletada, por um lado, pelo estatuto semântico e foneticamente fraco de *a*, *e*, por outro lado, pela semântica lexical dos verbos.

Susanne JAHN (Giessen)

### **Namen und Sprachkontakt in Mosambik**

Eine der Folgen der gemäßigt exoglossischen Sprachenpolitik Mosambiks ist, dass die im Land gesprochenen Bantusprachen (*línguas nacionais*) meist nur in Zusammenhang mit dem seit 2004 existierenden zweisprachigen Unterrichtsmodell für den muttersprachlich gestützten Schriftspracherwerb Portugiesisch auf akademisches Interesse stoßen – dann oft jedoch in Form von soziolinguistischen Untersuchungen oder kontrastiven Studien und ohne Konsequenzen für einen Ausbau der inzwischen 19 orthografisch normierten Sprachen über deren Verwendung im Grundschulunterricht in ausschließlich ländlichen Gebieten hinaus. Erheblich größere Aufmerksamkeit hingegen erfährt die einzige Amtssprache Portugiesisch: Zum einen, um ihren Erwerb als Mutter-, Fremd- oder Zweitsprache möglichst effizienter, kreativer und gewiss auch nachhaltiger zu gestalten; zum anderen, um den Prozess der ‚Nationalisierung‘ der offiziellen Sprache vornehmlich im urbanen Milieu wissenschaftlich zu beobachten und letztlich fassbar zu machen (z.B. mittels des *Dicionário do Português de Moçambique*, kurz *DiPoMo*, das derzeit an der UEM in Maputo entwickelt wird). Betrachtet man freilich die Karte Mosambiks, ist dessen ‚bantuphone‘ Essenz leicht erkennbar. Die meisten geographischen Bezeichnungen sind bantusprachlich und keineswegs (nur) deshalb, weil es nach Erlangung der Unabhängigkeit 1975 zu einem totalen toponymischen Umsturz gekommen wäre. Allerdings verweist ihre schriftliche Fixierung – in Namen etwa wie *Angónia*, *Inhambane*, *Xai-Xai* – auf den (teilweise) jahrhundertelangen Sprachkontakt (hauptsächlich) mit Portugiesisch. Der folgende Beitrag kann kaum mehr als lediglich eine Einführung in die breite Thematik der Namen und Namensgebung in Mosambik bieten, einem faszinierenden interdisziplinären und doch nahezu brachliegenden Forschungsfeld, das nicht nur die komplexe Geschichte des Landes zu spiegeln vermag, sondern auch linguistisch-ethnische Zusammenhänge erhellen könnte, deren Kenntnis zudem im Sinne einer Aufwertung der Bantusprachen und der Emanzipation ihrer Sprecher absolut erstrebenswert scheint.

Jürgen LANG (Universität Erlangen-Nürnberg)

### **O cabo Verde – Cabo Verde. Der Name des Kaps und der Name des Landes**

Der portugiesische Ländername *Cabo Verde* scheint auf den ersten Blick unproblematisch. Man kann sich aber fragen, warum der bestimmte Artikel, den der Name des Kapes, das dem Land seinen Namen gegeben hat, immer mit sich führt, im Ländernamen immer fehlt. Ich werde diese Auseinanderentwicklung dieser beiden Namen anhand der im *Corpo documental* der *História Geral de Cabo Verde* abgedruckten Urkunden und den Texten kapverdianischer Autoren wie André Álvares

d'Almada, André Donelha und Francisco Lemos Coelho nachverfolgen und einen historischen und einen sprachlichen Grund nennen, die für diese Entwicklung verantwortlich sein könnte.

Quellen:

*História geral de Cabo Verde, Corpo documental, volume I*, Lisboa – Cabo Verde: Instituto de Investigação Científica Tropical – Direcção do Património Cultural de Cabo Verde 1988.

Almada, André Álvares (1594, 1964), *Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo Verde [...] Feito pelo capitão André Álvares d'Almada natural da Ilha de Santiago de Cabo Verde [...] Ano 1594*, leitura, introdução e notas de António Brásio, Lisboa: Editorial L.I.A.M.

Donelha, André (1625, 1977), *Descrição da Serra Leoa e dos Rios de Guiné do Cabo Verde, edição do texto português, introdução, notas e apêndices por Avelino Teixeira da Mota, notas e tradução inglesa por P.E.H. Hair*, Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.

Coelho, Francisco de Lemos (1669, 1684, 1990), *Duas descrições seiscentistas da Guiné, manuscritos inéditos publicados com introdução e anotações históricas pelo académico de número Damião Peres*, Lisboa (erstmal 1953).

Ermelinda Lúcia Atanásio MAPASSE (Universidade Rovuma, Nampula)

### **O ensino do português, baseado no “como se deve dizer”, em Moçambique**

Moçambique, apesar de a maioria da população ter línguas bantu como maternas (Ngunga & Faquir, 2012), adotou a língua portuguesa como única língua oficial, pelo que o processo de escolarização usa esta língua, sendo a norma seguida a do português europeu, cujo ensino tem-se baseado na estratégia do certo/errado, que toma como referência os preceitos da norma adotada. Se uma língua é “um conjunto de variedades” Faraco (2008: 33), não se pode definir como sendo apenas uma unidade da linguagem, pois é mais do que isso, ela é também “uma entidade cultural e política”. Então, norma linguística corresponde ao “como se diz” e não ao “como se deve dizer” (Coseriu, 1979). Partido destes pressupostos, esta reflexão centra-se nas implicações do ensino-aprendizagem do português baseado no “como se deve dizer”, num contexto em que estudos já testaram a ocorrência de estruturas que reflectem o “como se diz” - usos reais do português, em Moçambique, distintos dos idealizados pelos gramáticos normativos. A equivalência entre “como se deve dizer” e “como se diz”, provavelmente, existe nos contextos europeus, mas não é adequada aos contextos pós-coloniais e esse equívoco contribui para que se fortaleçam vários preconceitos relativos a algumas variedades da língua portuguesa.

Miguel Gutiérrez MATÉ (Augsburg)

### **A reestruturação do português em contacto com quicongo. O caso dos falantes bilingues de Cabinda (Angola)**

Os *bakongo* (ou *bacongos* em português angolano) constituem o terceiro maior grupo etnolinguístico de Angola, estando presentes nas três províncias do norte – Uíge, Zaire e Cabinda – bem como em algumas partes da cidade de Luanda. Com excepção da população urbana mais jovem, todos os *bakongo* de Angola falam, para além do português, pelo menos uma língua pertencente ao *Kikongo Language Cluster* (Bostoen/Schryver 2015, 2018). Nesta palestra vou apresentar algumas características linguísticas que são características do português falado pelos *bakongo* da província de Cabinda: sobretudo, a neutralização de /r/ e /r/, a utilização do pronome *ele* para masculino e feminino, a marcação analítica de género natural em substantivos (*filha* > *filho de mulhere*) e a negação dupla (*eu não sabe esse língua não*). Os dados foram obtidos durante o meu trabalho de campo em 2019 e 2020 nas zonas rurais de Cabinda. Muitos dos informantes mais velhos entrevistados (por exemplo, em algumas fazendas no sul do município de Buco Zau) aprenderam português principalmente de uma forma não dirigida, através do contacto com os brancos, pelo que o estudo destas variedades é também interessante para comparação com outros resultados linguísticos do processo de reestruturação (como as línguas crioulas). Finalmente, vou comparar os fenómenos estudados do português em contacto com o kikongo com os do português em contacto com duas outras línguas bantas de Angola: kimbundu (Mingas 2000) e chokwe (Inverno 2009).

Bibliografia:



Bostoën, Koen / Gilles-Maurice de Schryver. 2015. Linguistic innovation, political centralization and economic integration in the Kongo kingdom. Reconstructing the spread of prefix reduction”, en: *Diachronica* 32/2, 139-185.

Bostoën, Koen / Gilles-Maurice de Schryver. 2018. Seventeenth-century Kikongo is not the ancestor of present-day Kikongo. In K. Bostoën & I. Brinkman (eds.), *The Kongo kingdom: the origins, dynamics and cosmopolitan culture of an African polity* (pp. 60–102). Cambridge: Cambridge University Press.

Inverno, Líliliana Cristina Coragem. 2009. *Contact-induced Restructuring of Portuguese Morphosyntax in Interior Angola. Evidence from Dundo (Lunda Norte)*. Tesis doctoral, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Mingas, Amélia. 2000. *Interferência do Kimbundu no português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras.

José MAUSSE (Universidade Rovuma, Nampula)

### **Português como Língua Oficial na Relação com a (in) Justiça do cidadão: Caso de uso de Línguas nacionais em Tribunais**

Moçambique é um país multilingue e pós-colonial onde 68,26% (52,63 Urbana e 22,97 Rural) da população não sabe falar português –Língua Oficial (Censo, 2017). Por lei (Lei nº 1/2009/nº 1/2009) “nos actos judiciais usa-se a língua portuguesa” (artº 139 do CPP) e “aqueles que hajam de ser ouvidos podem, no entanto, exprimir-se em língua diferente, se não conhecerem a portuguesa, devendo-se nomear-se um intérprete, quando necessário, para (...), (...) estabelecer a comunicação”. Isso pode significar que a questão de interpretação/tradução, uma subárea de linguística aplicada, deve merecer interesse pelo seu papel relevante na medida em que “princípio de mediação das provas, através do sistema de oralidade pura (...) permite ao julgador a utilização plena dalguns coeficientes de valorização dos diversos depoimentos que escapam por completo ao puro relato escrito das provas (CPP.p.15). O presente artigo visa discutir a política linguística moçambicana, que impõe a LP como língua da justiça, na relação com o direito à defesa de pessoas não falantes do português na posição processual de arguido de modo a trazer algumas evidências linguísticas e extralinguísticas que reflectem a complexidade da ligação entre a língua/cultura e variação linguística. Foi usada a metodologia qualitativa e a abordagem descritiva-interpretativa, tendo-se recorrido a análise de conteúdo para identificar “efeitos de sentidos” produzidos no processo de “mediação” entre a língua de partida e a de chegada, mediante a sua competência linguística. Conclui-se haver, para a melhor defesa das pessoas em sede de julgamento, evidências práticas que justificam a necessidade da implementação da linguística forense, no país.

Nicolas QUINT (CNRS)

### **Os crioulos de base lexical portuguesa da África Ocidental: breve apresentação de umas línguas afro-românicas**

Os crioulos de base lexical portuguesa da África Ocidental (doravante CPAO ou *Upper Guinea Creoles* em inglês) constituem uma família linguística com três ramos : (i) continental (guineense e casamancês), insular (caboverdiano) e (iii) ABC (papiamento das ilhas Aruba, Bonaire e Curaçao nas Antilhas neerlandesas). Estas línguas, provindas do contacto entre o português e várias línguas africanas de substrato (essencialmente o mandinga (mandinca), o uólofe e o timené, todas pertencentes ao filo Níger-Congo) e surgidas já há mais de meio milénio, podem ser com justiça chamadas de afro-românicas, já que apresentam em sincronia diversas características linguísticas derivadas dos dois grupos de línguas de quais derivam. Nesta apresentação, darei alguns exemplos dessa dupla filiação dos CPAO a diversos níveis da sua gramática (fonologia, morfologia e léxico). A seguir, tratarei da classificação desta família e das relações históricas e filogenéticas que existem entre os três ramos que a compõem. Concluirei sobre o interesse linguístico, filológico e social dos CPAO e dos restantes crioulos com base lexical portuguesa